

**“Caminha sílaba a sílaba”:  
A arte de viajar na poesia de Eugénio de Andrade<sup>1</sup>**

**João de Mancelos  
(Universidade Católica Portuguesa)**

**Palavras-chave:** Eugénio de Andrade, visão mediterrânica, turismo, paisagens mentais

**Keywords:** Eugénio de Andrade, Mediterranean vision, tourism, mental landscapes

### **1. A alma do viajante**

Ao longo dos anos, o poeta português Eugénio de Andrade (1923-2005) teve a oportunidade de visitar diversos países da Europa, América, Ásia e África, durante as férias, em digressões literárias, ou para participar em encontros de escritores. Nas suas próprias palavras, Eugénio partia em busca da “nostalgia dos caminhos e aromas, de praças quadradas de cal e campos rasos sem fim, ou simplesmente do relâmpago de um olhar” (Andrade, 1995: 155).

Muitas vezes, essas viagens eram suscitadas pela leitura da obra de um poeta maior e o desejo de conhecer mais acerca da paisagem e das gentes que o tinham inspirado. Referindo-se ao escritor espanhol Federico García Lorca (1898-1936), uma das suas influências, Eugénio confessa:

Logo que a Guerra acabou, a minha primeira viagem, de certo modo, foi à sua procura: Granada, Córdova, Sevilha — “Andalúcia del llanto”. Outras andanças me aproximaram ainda mais: Fuente Vaqueros, Viznar, a sua família, os seus amigos, que se foram tornando meus. Para quê continuar? Espanha cresceu comigo fibra a fibra. (Andrade, 1995: 41, 42)

Essa admiração por Espanha transparece em muitos dos textos de Eugénio e justificou, aliás, a homenagem que em 8 de junho de 2007 lhe foi feita no Ateneo de Madrid, presidida pelo secretário desta instituição, Alejandro Sanz.

Também o fascínio pelos grandes escritores grego e latinos — em particular Homero (séc. IX a.C.), Hesíodo (séc. VIII a.C.), Safo (c. 630-570 a.C.), Ésquilo (c. 525-456 a.C.), Sófocles

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Caminha sílaba a sílaba: A arte de viajar na poesia de Eugénio de Andrade”. *Polissema* (Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto) 8 (2008): 113-122. ISSN: 1645-1937.

(c. 496-406 a.C.), Horácio (65-8 a.C.) e Konstantínos Kavafis (1863-1933) — conduziu Eugénio a périplos por Itália e Grécia (Andrade, 1995: 81, 86). Entre os locais visitados, destacam-se Roma, Paestum, Brindisi, Veneza, Calcedónia, Golfo de Corinto, Atenas, Tebas, Creta, Corfu, Naxos, Delfos.

Nos volumes de poesia — sobretudo em *Escrita da Terra* (1974), *Memória de Outro Rio* (1985), *Rente ao Dizer* (1992) e *O Sal da Língua* (1995) — e nos três livros de meditações — *Os Afluentes do Silêncio* (1968), *Rosto Precário* (1979) e *À Sombra da Memória* (1993) —, Eugénio discorre com gosto acerca destas e de outras paragens, revelando a sua alma de viajante e contribuindo para a criação de um espaço simultaneamente geográfico, histórico e identitário: o Mediterrâneo.

## 2. Uma poesia mediterrânea

No âmbito deste breve ensaio, restringir-me-ei apenas às nações que bordejam o Mar Mediterrâneo, e que ocupam um lugar privilegiado no coração e na escrita deste autor: Espanha (com particular relevo para a Andaluzia), Itália e Grécia. Numa entrevista coligida na obra *Rosto Precário* (1979), o poeta reconhece:

O sul da minha nostalgia é sobretudo o Mediterrâneo: costa de Málaga, Baleares, Costa Adriática, Ilhas Jónicas, mas também a Toscana e algum Alentejo. A minha nostalgia é uma nesga de mar, de árvores com silêncio à roda, em vez desta rua, que foi sossegada há quinze anos, e tinha em frente da varanda do meu quarto um lódão enorme, onde os pássaros me despertavam. (Andrade, 1995: 113)

Esse gosto pelas paisagens do Sul nasceu durante a infância e adolescência, em Portugal, um país que, embora atlântico, apresenta características geográficas, climatéricas, históricas e étnicas semelhantes às das nações banhadas pelo Mar Mediterrâneo. Num passo biográfico de *À Sombra da Memória* (1993), Eugénio recorda:

Como alguns talvez saibam, sou um homem que nasceu e passou a infância em campos rasos onde cresce o trigo — tenho a nostalgia do sul: a cal e as cigarras misturam-se na minha cabeça com o cheiro da resina das estevas. Quer-me parecer até que é naquelas oliveiras, naquelas figueiras, naqueles limoeiros, que os pássaros cantam com mais apuro, porque alguns dos seus cantos não têm mais sentido que celebrar a luz. (Andrade, 1993: 42)

Coerentemente, Eugénio constrói e explora o que os críticos designaram por uma

*visão mediterrânea* ou uma *poesia meridional* (Andrade, 1995: 80), onde recorrem diversos elementos associados ao *mare nostrum*. O poeta tem consciência destas características e enumera-as de forma concisa: “luz, transparência, brancura, ardor, num espaço inocente, *rente ao chão*” (Andrade, 1995: 81).

Eugénio não se limita a descrever monumentos; a narrar episódios históricos ou anedóticos; a mencionar os artistas ou outros habitantes de um determinado sítio. Tal será uma tarefa apropriada ao etnógrafo ou a certos turistas mais atentos ao lugar em si do que à impressão que o lugar *provoca*, no duplo sentido de *causar* e *desafiar*, na mente sensível do poeta.

Como viajante e escritor, Eugénio vai mais longe: invoca o *genius loci*; revela a originalidade de uma praça, cidade ou região; captura admiravelmente o espaço através de complexas imagens literárias. Em qualquer dos casos, o seu maior feito é condensar o espírito do lugar numa impressão única, quase sempre de carácter lírico e melancólico.

Na sua obra, há abundantes exemplos dessa *escrita da terra* — título significativo de um dos seus livros — que corresponde a uma arte de viajar por variados países. Consideremos, por exemplo, o poema “Súnion”, incluído em *Véspera de Água* (1973), que a classicista Maria Helena da Rocha Pereira qualifica como “uma bela vinheta” (Pereira, 2005: 264). O poema refere-se a um promontório da extremidade sudoeste da Ática, onde se situam as ruínas do tempo de Posídon, filho de Crono e de Reia, e deus grego dos mares (Grimal, 1999: 389-391).

Nesse novembro nos flancos  
do crepúsculo,  
como falar entre o silêncio  
calcinado

das colunas de Súnion  
nos ramos do amor,  
como falar  
das falésias

tão longe  
e leve a luz das abelhas?  
(Andrade, 2005: 190, 191)

Trata-se de um breve poema lírico acerca do indizível, por um lado, e da necessidade de exprimir uma impressão do lugar, por outro. Esta tensão entre esses dois polos, talvez nunca resolvida, corresponde a uma dificuldade que todos os poetas viajantes sentem: usando os recursos limitados e imperfeitos da linguagem, devem transmitir aos seus leitores as complexas emoções suscitadas pelo sítio que visitaram.

Para tentar ultrapassar tal limitação, os escritores recorrem ao engenho e à arte, duas

qualidades essenciais que um outro poeta português, igualmente viajante e aventureiro, Luís de Camões (1524-1580), referira no canto primeiro da sua célebre epopeia *Os Lusíadas* (1572). Eugénio, poeta por excelência do rigor e da concisão, resume as ruínas monumentais do templo ao “silêncio calcinado”. Neste contexto, o *silêncio* (um dos termos mais polissémicos e caleidoscópicos que se podem encontrar na poesia) talvez exprima a dificuldade de descrever o lugar; a quietude do templo, abandonado e à mercê dos elementos; ou o pasmo do visitante perante o peso da história.

O poema é também marcado pela escuridão: novembro é um dos meses mais sombrios do Inverno, e a luz, afirma o dístico final, é longínqua. Como tal, o tom do texto é melancólico, um sentimento particularmente querido a poetas como John Keats (1795-1821) — recordo a “Ode on Melancholy” (1820) — ou a Eugénio porque propício à escrita e à meditação.

Um outro poema, “Calcedónia”, referido à antiga cidade da Ásia Menor, no Bósforo, ajuda a compreender a causa desta melancolia:

Afinal os romanos eram  
 como eu: amavam  
 os lugares onde a grandeza  
 e a solidão  
 andam de mãos dadas.  
 (Andrade, 2005: 225)

Não é difícil imaginar um viajante, diante da cidade, a rabiscar este apontamento, talvez num caderno Moleskine, tão popular entre os escritores. No entanto, e apesar do seu aparente ar de nota à margem, transmitido pelo estilo corrido, quase coloquial, o texto impõe-se por exprimir com beleza um sentimento que muitos poetas também experimentaram. Recordo, por exemplo, Lord Byron (1788-1824) — um dos mais incansáveis viandantes da sua época — que gostava de ler os clássicos greco-romanos junto às ruínas para melhor os apreciar. Perante os lugares históricos, os visitantes percebem que o grandioso será, um dia, apenas ruína e pó; que na infinidade do tempo, o homem e os seus feitos são quase liliputianos; que o destino das coisas e das gentes é o abandono.

É também sob o signo da morte que emerge o poema “Tebas”, integrado no volume *Escrita da Terra* (1974), que evoca a antiga capital da Beócia, hoje chamada Tiva. Quem conhecer a trágica lenda, saberá que nessa metrópole nasceu Édipo, sob uma maldição oracular. Abandonado, o jovem regressaria, alguns anos depois, e cometeria, sem saber, incesto com a mãe, Jocasta, que dele gerou dois filhos (Etéocles e Polínece) e duas filhas (Antígona e Ismene). O profeta cego Tírsias revela ser o rei o assassino de Laio, seu pai, e

após outras revelações, peripécias e coincidências, Édipo apercebe-se da real extensão dos seus crimes. Jocasta enforca-se e o rei golpeia os próprios olhos com as joias de ouro da esposa (Grimal, 1999: 127-129). O texto eugeniano não escapa à atmosfera disfórica do mito:

Era um lugar onde só  
a poesia  
me podia ter levado —  
lugar de morte, a luz  
roída,  
rala.  
Até a minguada  
romãzeira  
era de pedra.  
O vento  
acrescentara-lhe a poeira.  
(Andrade, 2005: 221-222)

Neste breve poema, uma série de elementos concorrem decisivamente para o cenário de ruína e desolação: o sítio é descrito como sendo de morte, a luz é débil, e a romãzeira, planta associada ao amor na poética de Eugénio, é raquítica e quase sem vida. Como refere Helena Pereira, “Até os signos que habitualmente têm valor positivo — a luz, a árvore, o vento — são aqui despojados de vigor e reduzidos ao nada, ao pó que vai cobrindo o sítio ermo” (Pereira, 2005: 266, 267).

O registo dos poemas mencionados é, em certa medida, disfórico e marcado pelo peso da História, da nostalgia e da solidão. No entanto, noutros textos, Eugénio associa o espírito de determinadas localidades ou espaços a alguns elementos da natureza altamente valorizados na sua escrita, e também característicos da paisagem, do clima e da flora mediterrânicos: a água, a claridade, a cor azul, os aromas, certas flores e frutos. Os exemplos são abundantes, pelo que selecionei apenas os que me parecem mais conseguidos do ponto de vista de estilo e conteúdo. São, regra geral, poemas breves, centrados na impressão única que o lugar causa no viajante.

A luz é um dos elementos favoritos do poeta, como afirma no texto “Na Estrada de San Lorenzo del Escorial”: “sou um homem que não abdica da luz, / que não abdica, que não / abdica” (Andrade, 2005: 224). Na mesma linha, o breve texto “Kerkira”, referido à atual Corfu, elogia a claridade da ilha: “Com esse cheiro a linho / que só os ombros acariciados têm / a terra é branca // e nua” (Andrade, 2005: 207). Em “Roma”, o escritor regista a perenidade da luz da antiga capital imperial: “como Adriano ou Virgílio ou Marco Aurélio / entrava em Roma pela Via Ápia / e por Antínoo e todo o amor da terra / juro que vi a luz tornar-se pedra” (Andrade, 2005: 208). Por seu turno, “Ariadne” exalta o azul — a cor mediterrânica por

excelência — dos olhos da amada de Teseu: “Azuis de um azul muito frágil, / como se ao fazer a cor uma criança / tivesse calculado mal a água” (Andrade, 2005: 142).

Noutros casos, as cidades são resumidas a um elemento ou traço singular: o dístico “Veneza” associa a cidade italiana dos canais à água: “Que música serias / se não fosses água?” (Andrade, 2005: 211); pelo contrário, os dois versos de “Tarifa”, cidade andaluz, perto do Estreito de Gibraltar, ponto de confluência do Mar Mediterrâneo e do Oceano Atlântico, realçam a secura do Verão: “Sem nenhum barco — a rouca / lenta respiração do deserto” (Andrade, 2005: 220).

Por vezes, é a vegetação (flores e frutos) que cativa o poeta viajante. O aqui citado poema “Kerkira” sublinha o agradável cheiro a linho (Andrade, 2005: 207); “Paestum com Lua Nova”, sobre uma das maiores cidades clássicas da Campania, hoje património mundial da UNESCO, evoca delicadamente o “aroma inesperado / duma rosa” (Andrade, 2005: 219); “Liliáceas em Corfu” elogia os asfódelos em flor: “quando / o vento os inclina no deserto / dos lábios rompe a água” (Andrade, 2005: 222); “Flor de Tessália” também menciona os asfódelos e a oliveira, árvore tão comum na paisagem mediterrânica (Andrade, 2005: 430); a “Canção de Epiro”, poema em prosa acerca da região histórica no litoral grego, afirma: “O que permanece na tarde, como na canção dos pastores de Epiro, é uma laranja. Apagados os passos, perdido o próprio nome, aquele lume vagaroso e limpo, era privilégio de lábios ou de pássaros. Uma laranja. Branca. Nas mãos duma criança” (Andrade, 2005: 289).

### 3. Viajantes vs. turistas

Obviamente, nem todos os viajantes conseguem apreciar a beleza natural e a importância histórica dos lugares mediterrânicos em geral. Em diversos poemas, Eugénio critica os visitantes somente interessados no sexo, no bronzeado e em pacotes de férias promocionais. Como afirma Paul Fussell, ao lembrar com nostalgia a época das grandes narrativas de viagens: “Travel is now impossible (...) tourism is all we have left” (Fussell, 1982: 41). Não se trata de uma atitude elitista do poeta (semelhante à de John Julius Norwich ou William Cobbett), mas apenas a justa indignação de um homem sensível e culto contra a profanação dos lugares amados.

Em “Ariadne”, Eugénio afirma, sarcástico: “Que outra coisa se pode fazer na Grécia? / Ali podeis fornicar com toda a gente / — é clássico e barato —, / até com coronéis” (Andrade, 2005: 143). Em “Mas Palomas, sem nostalgia” insurge-se contra os duzentos mil turistas alemães que enxameiam as praias e poluem o ambiente da mais antiga cidade turística das

Canárias (Andrade, 2005: 474, 475). Por fim, em “A Flor de Tessália”, o escritor revela a resistência de certos lugares à indústria turística: “Apesar de o turismo ter transformado a mais sagrada das terras numa feira perpétua e reles, uma ou outra coisa resistia à peste: os cardos de Epidauro, as cigarras de Arcádia, os asfódelos de Egina. Alguma coisa mais: a luz sem peso das colunas, o azul espesso do golfo de Corinto” (Andrade, 2005: 430).

#### 4. As paisagens da mente

Atualmente, nenhuma paisagem do planeta é apenas natural. A partir do instante em que um viajante nomeia, cartografa, explora, enfim, *apropria*, um determinado espaço, este torna-se *humano* (Conzen, 1994: 2). Nas palavras de Denis Cosgrove, “Landscape is not merely the world we see, it is a construction, a composition of the world” (Cosgrove, 1984: 13). Nesta aceção, Eugénio de Andrade constrói um espaço mediterrânico, simultaneamente geográfico e cultural, porque feito de paisagens urbanas, rurais e marítimas, mas também de História, mitos e lendas. Esse espaço faz parte da memória individual do viajante mas, transmutado pela alquimia da escrita, incorpora-se na identidade coletiva dos leitores. Eugénio, com a sabedoria que os melhores poetas do lugar como Alberto Caeiro, Miguel Torga, Sophia Andresen, Casimiro de Brito e Isabel Cristina Pires possuem, ensina-nos a amar o Mediterrâneo. E, através desse sentimento, esse mar volve-se no lugar do encontro do Homem com a História, a Terra e o Outro.

#### Bibliografia

- Andrade, Eugénio de. *À Sombra da Memória*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1993.
- . *Rosto Precário*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
- . *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2005.
- Conzen, Michael P. (ed.). *The Making of the American Landscape*. New York: Routledge, 1994.
- Cosgrove, Denis E. *Social Formation and Symbolic Landscape*. London: Croom Helm, 1984.
- Fussell, Paul. *Abroad: British Literary Travelling between the Wars*. Oxford: Oxford UP, 1982.
- Grimal, Pierre. “Édipo”. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Algés: Difel: Difusão Editorial, 1999. 127-129.
- . “Posídon”. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Algés: Difel: Difusão Editorial, 1999. 389-391.
- Matos, Jacinta. *Pelos Espaços da Pós-Modernidade: Literatura de Viagens Inglesa da Segunda*

*Grande Guerra à Década de Noventa*. Dissertação de Doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à FLUC, 1995.

Pereira, Maria Helena da Rocha. "O Mundo Clássico em Eugénio de Andrade". *Ensaíos sobre Eugénio de Andrade*. Coord. José da Cruz Santos. Pref. Luís Miguel Queirós. Porto: Asa, 2005. 262-272.

### **Abstract**

Eugénio de Andrade (1923-2005) is one of the most celebrated Portuguese contemporary writers. As an attentive poet and an inquisitive tourist, Andrade traveled frequently to Spain, France, Italy and Greece, meeting fellow poets, and visiting different towns and historic places. Because of these travels, we find in his work abundant references to Mediterranean countries, cultures and nature. Andrade poetically captures the "genius loci", emphasizing the bonds between the people, the fauna, the flora and the weather. He coherently displays a "Mediterranean vision", which I analyze in this article.

### **Resumo**

Eugénio de Andrade (1923-2005) é um dos mais celebrados poetas portugueses contemporâneos. Como escritor e turista curioso, viajou para Espanha, França, Itália e Grécia, ao encontro de outros autores, e visitou cidades e locais históricos. Em resultado destas viagens, existem, na sua obra, abundantes referências aos países, cultura e paisagem natural do Mediterrâneo. Eugénio captura o "genius loci", realçando os laços entre os povos, a fauna, a flora e o clima. Coerentemente, poeta apresenta uma "visão mediterrânica", que analiso neste artigo.